

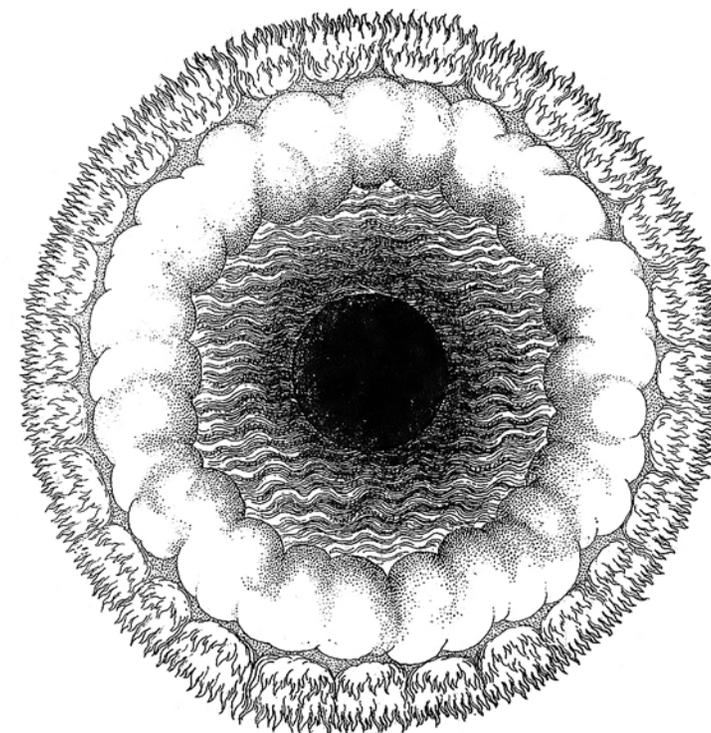
Fernanda Marinho\*  
Ney Marinho\*

## O ato de fé: A fé sem deuses e demônios

**Sacerdote:** Mas você não acha que assim que você tenha demonstrado todo este monte de “falsos deuses”, possa ainda assim existir “Deus” que não é falso?

**P.A.:** Com toda certeza. Não tenho a menor dificuldade em aceitar que possa existir tal possibilidade. No entanto, até o ponto que minha limitada capacidade me capacita a alcançar a verdade, não experimentei a realidade a respeito da qual você fala. Lembrou-me de minha mãe perguntando a meu pai se ele alguma vez havia experimentado aquilo que dissera um poeta – “Algumas vezes uma luz surpreende um cristão, enquanto ele canta” – e sua resposta, depois de um momento de reflexão, foi que ele jamais havia experimentado isto. Lembrou-me do aparecimento súbito da noite tropical, da sala iluminada pelo lampião e da conversa incompreensível e aterrorantemente solene. Por que eles estavam tão tristes? A experiência não forneceu resposta. (Bion, 1991/1996, p.170)

A leitura de *O futuro de uma ilusão* (Freud, 1927/2014) leva qualquer psicanalista a inescapáveis reflexões. Teria Freud se equivocado acerca da religião, seu papel, sua força? Ou, teria Freud subestimado a força da ilusão? Ou ainda: por que Freud não teria mencionado em sua avassaladora crítica o caráter agressivo, por vezes feroz, como vemos ao longo da história, da religião? Todas essas questões estão acentuadas e, certamente, multiplicadas pelo igualmente avassalador avanço dos fundamentalismos de toda natureza, passando pelos islâmicos, judaicos e, mais recentemente (ou, pelo menos, mais evidentemente) os evangélicos! Todos pregam uma exclusão dos infieis, um belicismo, ou apoiam fortemente políticas anti-iluministas de extrema direita. Em suma, a religião em vez de ceder espaço para o “primado do intelecto” regrediu a formas e expressões primitivas obtendo extraordinário êxito.



Contudo, a psicanálise trabalha e vive num ambiente comum a religiosos, místicos, charlatões, uma vez que, segundo Bion (1970/2006):

Lida com muitos estados de mente, inclusive aqueles que geralmente constituem a zona de caça de não-psicanalistas; por exemplo, ladrões, arrombadores, perversos sexuais, assassinos, chantagistas. O mundo mental dessas pessoas corresponde a um mundo da realidade externa que alimenta seus estados de mente por meio de alguma organização estabelecida de espionagem internacional e comercial, forças policiais, organizações religiosas; o primeiro grupo corresponde ao outro. (p.132-133)

De fato, como Freud (1924/1971) já havia enfatizado, a psicanálise necessita do “singular verde da dourada árvore da vida (p.149). Assim, vamos encontrar na prática clínica um parentesco com experiências místicas, espirituais ou religiosas.

Termos como: místico, messias, e fé, utilizados por Bion em suas aproximações ao uni-

verso psíquico e à psicanálise são, no mínimo, intrigantes. Por um lado, evocam a religião com o seu apelo e força incontestáveis na organização subjetiva do homem e dos grupos humanos; por outro, ao fazê-lo, propiciam a possibilidade de exploração desse vasto território e suas nuances sob vários outros vértices não religiosos, desconstruindo alguns de seus elementos paradigmáticos. Com isto, abremse novas vertentes para a abordagem do fenômeno psíquico, tanto individual como grupal, alimentadas a um só tempo pela experiência clínica e tendo-a como alvo, fonte e objeto de desenvolvimentos.

Vamos explorar apenas o termo fé, cuja importância nos fez sugerir tratar-se de mais um “elemento da psicanálise”, ou seja: “uma noção tão básica como continente ↔ contido; EP ↔ D; fato selecionado, algo próprio daquilo que entendemos ser uma psicanálise e não outra coisa qualquer.” (Marinho, 2015, p. 2).

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Quando Bion (1970/2006) nos propõe a abstenção de memória, desejo, sensorio e entendimento como condição necessária à apreensão do fenômeno psíquico na situação analítica – “apreciação vívida dos fatos emocionais”, em suas palavras – inaugura um ponto capital de distinção entre uma atividade *sobre* psicanálise e uma atividade que é psicanálise. Do mesmo modo, diferencia-se psicanálise – única, singular, na vivência da experiência emocional do par analítico – de falar *sobre* psicanálise.

José Paz (2001)<sup>1</sup> assim comenta:

Mestre Eckhart distingue Deus de Deidade. Deus é tudo que dele *falamos e pensamos*<sup>2</sup>. A Deidade é aquilo que na realidade Ele é. Deus estaria no vértice teológico. Alcançar a Deidade implicaria uma teologia negativa em que se desse o despojamento da ideia de Deus. Ter-se-ia de abandonar a crença e caminhar na fé rumo ao mistério. Seria este o caminho do místico. O caminho no mistério. Seria este o caminho do analista, o caminho do analisando, o curso da Análise, o caldo das Transformações “em direção a O” e “de acordo com O”. (p.50)

Crença/Fé; falar, pensar sobre, conhecer/ser, K/O; duas dimensões aí delineadas intrínsecas à psicanálise a que também podemos referir crença e fé. A crença, religiosa ou não, pertence ao domínio do conhecimento (K), a fé, ao domínio do ser (O); a crença, ao domínio do sensorio, do cognoscível, passível de enunciação, inscrita na ordem temporal, finita; a fé, afeita ao domínio do não sensorial, do inefável, do atemporal, do mistério, do infinito.

Bion (1970/2006), ao postular fé (F) – fé na realidade última e verdade – como o estado de mente convocado a substituir memórias e desejos, um dos pressupostos que o orienta é a necessária qualidade de insaturação da fé:

Outra fonte de distorção é a tendência de vincular F com o sobrenatural por falta de experiência do “natural” relacionado a F. A tendência é introduzir um deus ou diabo que F vai revelar

(ou que vai evoluir a partir de O). O elemento F, que precisaria ser mantido insaturado, satura-se e não serve mais para seu objetivo. (p.61)

Sob outro vértice: “A fé subsiste além das provas. No ponto em que terminam para o pensamento todas as possibilidades, revelam-se para a fé possibilidades novas.” (Kierkegaard, 1849/1969, p. 20)

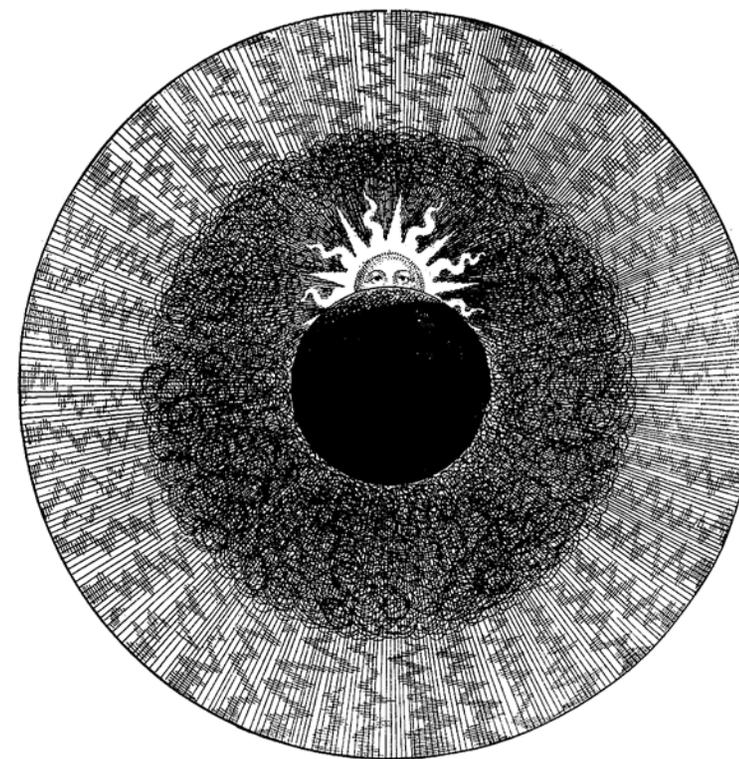
F se manifesta em *ato* – o *ato de fé*; uma atitude mental, e como tal, nós propomos e acima referimos, um elemento da psicanálise. Mas é também um estado de mente científica, artística, matemática, que nos permite criar, seja qual for o campo; portanto, essencial fator da criatividade humana, principal expressão da liberdade do homem, livre da escravidão de deuses e demônios.

## Referências

- Bion, W. R. (1996). *Uma memória do futuro: O passado apresentado* (vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1991).
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).
- Freud, S. (1971). Neurosis and psychosis. Em J. Strachey (ed.), *Standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (vol.19) Londres: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 17, pp. 231-301). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).
- Kierkegaard, S. (1969). *Tratado do desespero*. Tradução de José Xavier de Melo Carneiro, Brasília: Coordenada- Ed. de Brasília. (Trabalho original publicado em 1849).
- Marinho, F. e N. (2015). O ato de fé. Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise, São Paulo em 2015. Trabalho inédito Mimeo. Rio de Janeiro: Biblioteca da SBPRJ.
- Marinho, F. e N. (2016). Incorporação. Trabalho apresentado no XXXI Congresso Latino Americano de Psicanálise, Cartagena em 2016. Trabalho inédito. Mimeo. Rio de Janeiro: Biblioteca da SBPRJ.
- Paz, J. M. G. (2001). *O canto do bode. Uma análise trágica sobre a condição humana que, possivelmente, não é nenhuma: Uma psicanálise entre Nietzsche e Bion*. Lisboa: Teseaurius.

Jani Santamaría Linares\*

## O místico em busca de uma sessão



Melanie Klein (1946/1995) advertiu que quando os pacientes têm críticas ao analista, além das resistências, devem ter tido algumas razões para fazê-lo.

Em uma tarde de outono, Luísa chega ao consultório; comentou que recentemente tinha se mudado para a cidade e o sentimento de estranhamento misturava-se com medo. Conta que lhe garantiram que “nesta casa vivia um espírito” e, angustiada, acrescentou: “Sei que vocês, os psicanalistas, não são religiosos nem creem em nada místico, mas vou te contar...”

A sua dor me comoveu, o comentário sobre o “psicanalista cético” me marcou; não era a primeira vez que o havia escutado, alguns pacientes “confessam”: “Não queria te contar isto, me falaram que os psicanalistas não gostam destes temas sobre religião, espiritualidade, misticismo; não os consideram científicos”.

Não irei discutir os preconceitos ou concepções que acompanham a escuta analítica, apenas proponho sugerir possíveis aproximações. De fato, ciência e misticismo por muitos anos foram tratados separadamente.

1. Comentarista luso-angolano da obra de Bion. Ver Paz (2001).  
2. Grifo dos autores.

\* Asociación Psicoanalítica Mexicana.